



Da esq. Para dir: Simi Shah, Amy Barnes, Dame Angela MacLean, Rachel Dehaise e Tobias Grimm

“Meu desejo político, de uma perspectiva de adaptação, é que paremos de construir coisas que sabemos que não serão o que precisamos nos próximos 20, 30, 40 anos.” A afirmação de Amy Barnes, líder global de Clima e Sustentabilidade da Marsh McLennan, deu o tom do painel “Showcasing the Role of Insurance in Unlocking and Accelerating Climate Finance”, promovido pela Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg) e pela City of London, nesta terça-feira (11), na Casa do Seguro, durante a COP30, em Belém (PA).

A sessão reuniu representantes de seguradoras globais e liderança do governo do Reino Unido para discutir como o seguro pode se consolidar como peça-chave na transição para uma economia de baixo carbono, destravando o financiamento climático por meio da redução de riscos e da mobilização de capital privado.

Na abertura do painel, Luciana Dall’Agnol, superintendente de Sustentabilidade da CNseg, destacou que a realização da COP30 no Brasil, no coração da Amazônia, reforça o papel estratégico do setor de seguros na construção de um futuro sustentável. “O seguro não se trata apenas de cobrir perdas e prejuízos. Nós viabilizamos transformações na sociedade. O seguro é uma peça fundamental para destravar o financiamento sustentável, reduzindo riscos, atraindo capital privado e transformando ambição climática em oportunidades de investimento”, afirmou.

Ela ressaltou que, em todo o mundo, cresce o reconhecimento de que o seguro deve se tornar o terceiro pilar do sistema de financiamento climático, ao lado do crédito e do investimento, por oferecer estabilidade e mecanismos de transferência de risco que tornam a transição verdadeiramente financiável. No Brasil, acrescentou, esse papel ganha relevância especial em setores estratégicos como soluções baseadas na natureza, bioeconomia, energia renovável e combustíveis de baixa emissão.

Moderado por Simi Shah, diretora de Política e Inovação da City of London Corporation, o painel reuniu experiências concretas de inovação em seguros que estão contribuindo para viabilizar projetos de transição e ampliar a adaptação climática.

Barnes apresentou uma estrutura desenvolvida em parceria com a Iniciativa de Mercados Sustentáveis, criada em 2019 pelo então Príncipe Charles, que mapeia riscos enfrentados por projetos de transição desde a fase de planejamento até o descomissionamento. Segundo Barnes, muitos investimentos não chegam à decisão final por não estarem suficientemente “desarriscados”.

A proposta é identificar, de forma prática, em que etapas o seguro pode atuar para mitigar riscos estratégicos, financeiros, operacionais e geopolíticos, e quando outras ferramentas, como contratos, parcerias públicas ou filantropia, podem ser mais adequadas. Entre os exemplos citados, estão soluções paramétricas que garantem receitas de projetos de energia solar e eólica e seguros de crédito adaptados para veículos de propósito específico, viabilizando a capacidade de financiamentos de projetos de transição.

Em seguida, Rachel Delhaise, chefe de Sustentabilidade da Convex Insurance, apresentou uma solução, desenvolvida no Reino Unido, de seguro para projetos de captura e armazenamento de carbono. A cobertura foi determinante para viabilizar dois grandes empreendimentos de infraestrutura de carbono, um no nordeste e outro no noroeste do país.

O contrato, desenvolvido em colaboração com outras seguradoras e um corretor, incluiu proteção contra riscos físicos, responsabilidade civil, perda de receita e um componente de contenção de vazamento de carbono com duração de dez anos, o que permitiu a emissão de licenças e decisões finais de investimento. O projeto, resultado de uma parceria público-privada, tornou-se referência internacional em inovação e colaboração entre setor público, setor privado e mercado segurador.

Tobias Grimm, cientista-chefe de Clima e líder de Consultoria Climática da Munich Re, destacou que o crescimento das perdas por desastres naturais é impulsionado, sobretudo, pela ocupação de áreas de alto risco, e defendeu políticas de zoneamento público que orientem o desenvolvimento urbano e reduzam a vulnerabilidade. Já a conselheira científica-chefe do governo do Reino Unido, Dame Angela McLean, reforçou a importância da colaboração entre governos, seguradoras e centros de pesquisa climática.

Segundo McLean, a integração entre a expertise do setor segurador em análise de risco e a capacidade do sistema científico em modelagem climática pode resultar em previsões mais precisas, melhor precificação e políticas públicas mais efetivas. Ela defendeu que a adaptação climática seja vista não somente como um custo, mas como uma oportunidade de geração de prosperidade, inovação e crescimento econômico.

Durante o debate, os participantes convergiram em torno de uma mensagem: a adaptação climática depende de coerência regulatória, inovação em seguros e estabilidade de compromissos governamentais. Delhaise defendeu que os governos mantenham e ampliem suas metas climáticas, oferecendo segurança aos investidores e estabelecendo limites de carbono na construção civil. Grimm destacou a importância de arranjos de compartilhamento de risco entre o setor público e o privado, por meio de mecanismos em que governos e bancos multilaterais assumam a primeira parcela de perdas, permitindo que o mercado privado amplie sua atuação em regiões mais vulneráveis.

O painel evidenciou que, mais do que um instrumento de proteção, o seguro é um agente ativo na construção de resiliência climática e na mobilização de capital verde. Ao integrar ciência, inovação financeira e políticas públicas, o setor tem se posicionado como um vetor de confiança e viabilidade para a economia de baixo carbono. Essa convergência de propósitos, expressa na Casa do Seguro durante a COP30, reforça o protagonismo do mercado segurador na agenda global de adaptação e financiamento climático, um papel que o Brasil, por sua relevância ambiental e econômica, está cada vez mais preparado para exercer.

Fonte: CNseg, em 11.11.2025.